

Jornalismo e Literatura na gênese da imprensa paraense¹

Lívea Pereira Colares da SILVA²
Netília Silva dos Anjos SEIXAS³
Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo

Este artigo traz um levantamento dos jornais literários paraenses que circularam no século XIX, tendo como base o catálogo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, Pará. A proposta é verificar o desenvolvimento da imprensa paraense tendo como parâmetro a história da imprensa nacional, em que jornalismo e literatura guardam estreita relação em sua gênese. O artigo traça um breve histórico da imprensa brasileira e sua relação com a literatura e depois parte para o panorama paraense, apresentando os resultados da pesquisa.⁴

Palavras-chave: Jornalismo; Jornais literários; Pará; Trajetória histórica.

Introdução

Na contemporaneidade, jornalismo e literatura são vertentes diferentes, cada uma com as suas características, havendo momentos em que seus percursos se cruzam. Com o jornalismo, a partir da ideia de que retrata a vida cotidiana, construiu-se um discurso em torno da objetividade; já a literatura trabalha com ficção, embora possa abordar com profundidade questões significativas da realidade. No entanto, uma breve olhada na história do jornalismo nos permite ver que a literatura já teve um espaço especial nos primeiros periódicos lançados, não só no Brasil, como no mundo. Mas terá o surgimento do jornalismo no Pará seguido esses mesmos passos?

Procurando responder a esta pergunta, este artigo traz o resultado de um levantamento realizado no arquivo de periódicos da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, Pará. O catálogo usado como base para esta pesquisa traz um registro dos periódicos paraenses desde o lançamento do pioneiro, em 1822, até o ano de 1985, no entanto, o lançamento de

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará. E-mail: livea.colares@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Orientadora e coordenadora do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”. Email: netilia@uol.com.br.

⁴ Este estudo integra o projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal MCT/CNPq N° 14/2012.

periódicos registrados como literários abarca os anos de 1855 a 1900, e é este o período que será levado em consideração neste estudo. Dessa forma, a pesquisa buscou fazer um apanhado dos jornais paraenses do século XIX, quando a imprensa deu seus primeiros passos e se solidificou na região, a fim de identificar a presença da literatura no nascimento do jornalismo paraense.

Literatura: o berço do jornalismo

Se na Europa os primeiros jornais surgiram no século XVII, no Brasil o pioneiro só nasceu em junho de 1808, o que reflete um certo atraso no desenvolvimento da imprensa brasileira. Ainda assim, o Correio Braziliense, como era nomeado o jornal, era editado em Londres, por Hipólito José da Costa, e distribuído no nosso país. Já o primeiro jornal editado em terras brasileiras foi a Gazeta do Rio de Janeiro, veículo oficial da Coroa, também lançado em setembro de 1808. (LIMA, 2013).

Lima (2013) conta que não só era comum encontrar crônicas e poesias nas páginas dos primeiros jornais, como até mesmo a escrita jornalística apresentava traços fortes da escrita literária, principalmente no início, quando a imprensa ainda era nova e tentava se firmar e encontrar uma identidade. Isso acontecia, sobretudo, porque as redações dos jornais eram essencialmente compostas por escritores, que viam no jornalismo uma nova área de investimento e de exposição de sua produção.

Assim, jornalismo e literatura foram, até a década de 1950, duas áreas interdependentes: para sobreviver, os escritores trabalhavam nos jornais; os jornalistas escreviam nos periódicos com os olhos numa ‘gramática’ literária e não jornalística; os leitores tinham acesso ao texto literário nos jornais, já que a escassez de publicações de livros, além do alto preço, impedia sua popularização (LIMA, 2013, p.32).

Além da estética literária em seus textos, os jornais também tinham espaço para publicação de poesias. Somando-se a isso, a partir de 1840, houve a incorporação de folhetins, fazendo uma imprensa predominantemente literária (LIMA, 2013, p. 33). Esses folhetins se tratavam de narrativas, histórias seriadas, com um capítulo a cada edição. A publicação de folhetins nas páginas dos jornais dava notoriedade e visibilidade aos escritores, que, inclusive, chegavam a publicar esses folhetins em forma de livro, depois que chegavam ao fim, nos periódicos (SALES, 2007).

Tudo isso evidencia que, antes de se consolidar dentro dos moldes que presenciamos hoje, o jornalismo passou por diversas transformações e, apesar de atualmente jornalismo e

literatura terem seguido caminhos distintos, esta esteve fortemente presente em sua origem. Jorge Pedro Sousa (2008, p. 19) nos faz perceber que o jornalismo nasceu da literatura, já que algumas de suas características podem ser facilmente identificadas dentro do universo literário, pois “pode dizer-se que muitos dos conteúdos e formatos do jornalismo contemporâneo se encontram já na literatura de há milênios”.

Com características semelhantes, alguns autores defendem que jornalismo e literatura nunca foram duas coisas distintas, de mundos e propósitos diferentes. Esse é o caso de José Domingos Brito (2007), que defende a ideia de que o jornalismo só existiu por causa da literatura, já que grande parte dos seus profissionais ditos ‘jornalistas’ eram, na verdade, profissionais que se valiam da subjetividade e da arte para exercer suas respectivas profissões.

Quando o jornal se implantou como fonte de informação diária, ao alcance dos leitores, recrutou, entre os principais colaboradores, os letrados que já dispunham de notoriedade na utilização da palavra escrita: escritores, juristas, médicos, sacerdotes, engenheiros, enfim, todos aqueles vocacionados para a expressão artística, inclusive os autodidatas. No século XIX, os principais escritores brasileiros eram também jornalistas. Machado de Assis seria o exemplo mais conhecido (BRITO, 2007, p.12).

Moraes e Ijuim (2009, p. 04) explicam que jornalismo e literatura são gêneros que coincidiram em vários pontos durante sua trajetória. Entre os séculos XVIII e XIX, os jornais eram como empresas pequenas, que agiam sob alguma causa política e eram comandados por escritores, políticos e intelectuais.

Dessa forma, muitos escritores célebres compunham as redações de jornais, onde trabalhavam como agentes políticos e jornalistas e ainda contribuía com seus romances. Os jornais eram usados como divulgadores de obras literárias, publicadas em fascículos a cada nova edição (MORAES; IJUIM, 2009, p. 04). Sendo assim, não havia uma distinção muito clara entre jornalismo e literatura, já que ambos conviviam lado a lado nas redações da época.

No transcorrer do século XX, jornalismo e literatura mantiveram ao mesmo tempo antagonismos e confluências intensas. Houve teóricos que defenderam a diferença entre as duas narrativas, baseados na ideia de que o jornalismo representava a objetividade e a literatura encarnava a subjetividade; e outros que acreditavam até mesmo que o jornalismo poderia ser considerado um gênero literário (MORAES; IJUIM, 2009, p. 06).

Héris Arnt (2005) acredita que não há como caracterizar o jornalismo como um campo sem nenhuma ligação com a literatura, pois ambos possuem, em um primeiro momento, não apenas características idênticas, como também propósitos parecidos. O autor conta que “o encontro entre jornalismo e literatura se dá pela função de narratividade e pela intenção informativa presentes nas duas formas de escrita” (ARNT, 2005, p. 01).

Brito (2007) também afirma que ainda há controvérsias para delimitar o espaço do jornalismo e da literatura, pois, apesar das semelhanças, cada um deles adquiriu características próprias, com adaptações ocasionadas pelo tempo, pela prática, e pelo contexto histórico. Brito (2007, p. 26) avalia que, antes, o jornalismo poderia ser considerado literatura ou vice-versa, porém, na contemporaneidade, esses dois campos podem ser considerados distintos, já que a “literatura e jornalismo se distanciaram ao longo dos tempos, adquirindo características autônomas”.

Lima (2013) explica que essa ligação visceral entre literatura e jornalismo no Brasil se atenuou na década de 1950, momento em que a indústria cultural passou a ser mais incisiva. Os jornais estavam se aproximando cada vez mais de um caráter empresarial e, tal como numa linha de produção, precisaram começar a seguir regras e se padronizar, tendo em vista o lucro. A literatura teve seu espaço reduzido nos jornais até quase desaparecer e, se antes estava misturada às notícias, passou a ocupar um espaço mais reservado, à parte. É nesse momento também que começam a surgir as publicações exclusivamente literárias, como os suplementos literários.

O panorama paraense

Foi após 14 anos do lançamento do primeiro jornal em terras brasileiras, que o Pará começou a dar seus passos no desenvolvimento de uma imprensa própria. O jornal pioneiro foi O Paraense, nascido em 22 de maio de 1822. O periódico foi fundado por Filipe Patroni e figura como o primeiro não só do Pará, como também de toda a região Norte (SEIXAS, 2011a). Segundo Seixas (2011b, p. 283), o jornal era de “pequeno formato, poucas páginas (quatro ou cinco), abordagem de assuntos oficiais, religiosos, comerciais (principalmente marítimos), além de avisos (ao modo de anúncios)”.

Foi no dia 10 de abril de 1853 que Belém conheceu seu primeiro jornal diário, denominado Diário do Gram-Pará. Depois dele, por volta dos decênios de 1861 e 1871, a imprensa diária de Belém se fortaleceu, com a edição de dez outros jornais diários (SEIXAS, 2012a).

Outro jornal da história paraense que merece destaque é A Província do Pará. Criado em 25 de março de 1876, por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio Lemos, o periódico carrega o título de mais duradouro, devido aos seus 126 anos, durando de 1876 até 2002 (FERNANDES; SEIXAS, 2011). O jornal tinha características modernas para a época e contribuiu para a solidificação da imprensa na região, já que vários jornais tinham duração efêmera (SEIXAS, 2012a).

Quando se faz uma análise dos primeiros jornais, no que diz respeito ao panorama nacional, é possível identificar uma presença forte da política na imprensa. Barbosa (2010, p. 69) explica que esse fenômeno é característico da gênese do jornalismo, pois há uma “estreita vinculação entre jornalismo e política. É como se a imprensa fosse uma amplificadora dos debates políticos ou o lugar privilegiado onde ecoam os discursos vinculados aos lugares políticos”. Tal qual no resto do país, a imprensa paraense também estava estreitamente atrelada à política e os primeiros jornais refletiam essa união (SALLES, 1992).

Basta uma breve análise na descrição dos jornais paraenses da época para perceber que, além de diversos outros temas, a presença da política em suas páginas era recorrente. Uma prática, portanto, que faz parte da história do jornalismo paraense (SALLES, 1992; SEIXAS, 2011a). Segundo Fernandes e Seixas (2010), no surgimento da imprensa paraense, muitos jornais possuíam uma proposta editorial de abordagem predominantemente política.

Além da política, outro mote era recorrente na gênese dos jornais paraenses. A pesquisa realizada na Biblioteca Arthur Vianna revelou que desde 1855 já havia jornais que traziam a literatura em suas páginas. Sales (2007) destaca O Beija Flor, O Diário do Comércio e o Adejo Literário como jornais que, antes de 1860, já reservava espaço para a literatura. Dessa forma, notícias de cunho comercial, político e científico, dentre outros, dividiam as poucas páginas dos jornais com poemas, lirias, romances e folhetins (SALES, 2007).

Ainda segundo Sales (2007, p. 03), o número de periódicos publicados em Belém que investia em publicações literárias cresceu a partir da segunda metade do século XIX. Dos

54 jornais que datam do período de 1822 a 1900, 29 traziam elementos literários de algum gênero. Os gêneros mais encontrados nos periódicos eram crônicas, contos, prosa literária, novelas, romances, folhetins e poesia. Em geral, as seções eram divididas em quatro colunas ao pé-de-página inicial em que circulavam as publicações literárias nos jornais. (SALES, 2007).

O gênero folhetim, publicação de narrativas em forma seriada, era bem recorrente nas páginas dos jornais, visto que beneficiava tanto escritores quanto os próprios jornais (SALES, 2007). Os escritores tinham suas obras divulgadas, ganhando prestígio e notoriedade, e os jornais vendiam mais, devido ao interesse que o folhetim despertava no leitor, em querer saber a continuação da história. Esse alto índice de produção e consumo literário na região era reflexo de uma época de apogeu da cidade de Belém, onde o desenvolvimento econômico, proporcionado pela borracha (SARGES, 2000), também refletiu no fortalecimento cultural da cidade, elevando-a a condições semelhantes a outras regiões do país, no quesito cultural.

A produção de textos em folhetins publicados em jornais da cidade de Belém refere-se a uma época de grande efervescência cultural, período em que as parcerias entre uma elite intelectual e facções políticas, facilitaram a produção periódica e a divulgação literária. A linha temática do romance-folhetim esteve presente entre grande parte dos jornais de todo o país e percorreu toda a segunda metade do século XIX, na província do Grão-Pará, alcançando uma produção semelhante às publicações em folhetins de outras regiões, como Rio de Janeiro e Mato Grosso (SALES, 2007, p. 11).

Apesar do destaque do folhetim, segundo Sales (2007), não era ele o gênero que predominava nas páginas dos jornais paraenses da época. Em uma pesquisa realizada por Sales (2007) em cinco jornais com publicações folhetinescas, a crônica era o gênero predominante, constando em 43% das publicações, enquanto o folhetim aparece com uma frequência de apenas 10%, ao lado de novelas e romances.

Jornais literários do Pará

Com a finalidade de analisar a relação entre jornalismo e literatura na gênese da imprensa paraense, foi feita uma pesquisa na Biblioteca Pública Arthur Vianna, buscando-se realizar um levantamento dos periódicos literários do século XIX. O catálogo no qual esta pesquisa se baseou traz um apanhado dos periódicos publicados entre 1822 e 1985, mas a produção

de periódicos classificados como literários foi identificada apenas entre os anos de 1855 a 1900.

Quadro 1: Lista de periódicos literários de 1822 a 1985, no Pará.

Publicação	Período	Classificação
Adejo Literário	1855 – 1858	Semanal, instrutivo, literário e recreativo.
A América	1878 – 1879	Semanário de revista, crítica, propaganda pela democracia, artes e letras.
A Arena	1887	Semanal, literário, artístico e científico.
O Binóculo	1896 – 1908	Semanal, órgão político, noticioso e literário.
O Brazil	1892	Órgão literário.
O Caixeiro	1889	Semanal, literário, e noticioso.
O Carteiro	1896 – 1897	Quinzenal, noticioso, literário e comercial.
Cenáculo	1900	Periódico biográfico, bibliográfico, científico, pedagógico, literário, crítico e noticioso.
O Cidadão	1889 – 1892	Semanal, noticioso, comercial, literário, industrial e independente.
Cidade de Bragança	1894 – 1899	Semanal, órgão político, noticioso, comercial e literário.
O Condor	1897	Quinzenal, literário, postal e noticioso.
Correio Paraense	1892 – 1894	Diário, noticioso, comercial e literário.
O Crepúsculo	1874	Semanal, trata de ciência, agricultura, indústria, literatura e notícias.
O Crepúsculo	1890	Semanal e depois quinzenal, órgão estudantino e literário
O Dever	1898 – 1901	Semanal, noticioso e literário.
O Diretor	1856 – 1857	Folha política, comercial e literária.
Echo Juvenil	1889	Literário, crítico e noticioso.

O Equador	1879	Semanário de revista, crítico, propaganda pela democracia, artes e letras.
O Estímulo	1877	Literário e democrático
Estrela D'alva	1880	Semanal, órgão da Sociedade União Literária.
O Gládio	1890	Semanal, noticioso, crítica literária.
O Holofote	1897	Bissemanal, noticioso, crítico, literário e comercial.
O Jornal	1900	Órgão político, comercial, noticioso e literário.
Jornal do Pará	1862 – 1878	Diário, político, comercial, literário e noticioso.
A juventude	1881	Literário e recreativo.
Officina Literária	1899 – 1900	Quinzenal, órgão da agremiação Officina Litterária.
A Palavra	1895	Revista militar e literária.
O Pará	1897 – 1900	Diário vespertino, órgão político, comercial, literário e noticioso.
A Pátria	1890	Quinzenal, crítico, literário e noticioso.
A Pátria Paraense	1894 - ?	Diário, noticioso, comercial, literário e imparcial em política.
O Pelicano	1872 – 1874	Bissemanal, discute assuntos científicos, literários, artísticos, industriais e noticiosos.
O Porvir	1888 – 1889	Semanal, literário e recreativo.
A Regeneração	1873 – 1877	Bissemanal, político, comercial, noticioso e literário.
Revista Estudantina	1890 - ?	Semanário, artístico e literário.
Revista Familiar	1883	Semanal, destaca ciências, literatura, indústria e educação.
O Trabalho	1889 – 1890	Quinzenal e literário.
A Vida Paraense	1883 – 1884	Trimestral, crítico, literário, científico e artístico.
A Voz do Caixeiro	1890 – 1892	Semanal, literário, comercial e noticioso.

Fonte: Biblioteca Pública do Pará (1985).

Assim como a quantidade de jornais lançados salta aos olhos, não há como deixar de perceber que todos tiveram uma curta duração. Dos 38 periódicos, 24 duraram cerca um ano, não sendo possível dizer com exatidão, pois não há, em todos, o registro dos meses de lançamento e encerramento. Alguns foram lançados num ano e encerrados no ano seguinte e outros tiveram seu início e fim ainda no mesmo ano. O restante dos periódicos durou em torno de dois a três anos, sendo que A Regeneração durou quatro anos e Cidade de Bragança circulou por cinco anos. De todos os periódicos literários do período, o mais duradouro foi O Jornal, que ficou em circulação de 1862 a 1878, ou seja, por 16 anos. Sobre A Pátria Paraense e Revista Estudantina não há data de encerramento no Catálogo.

Dentre os jornais literários do Pará da época, o mais antigo lançamento é o Adejo Literário, um jornal semanal, instrutivo, literário e recreativo, que surgiu em 1855 e durou até 1858. No período pesquisado, os últimos lançamentos datam de 1900 e se referem às publicações Cenáculo e O Jornal. Ambas surgiram e encerraram sua produção ainda em 1900. O Cenáculo era um periódico biográfico, bibliográfico, científico, pedagógico, literário, crítico e noticioso; já O Jornal era um órgão político, comercial, noticioso e literário.

O nosso levantamento evidenciou que essas publicações não eram exclusivamente literárias, pois a literatura era apenas um dos componentes temáticos dos periódicos. O levantamento revelou que os periódicos tratavam de temáticas bastante variadas e a literatura dividia espaço com o comércio, a política, a agricultura, a indústria e a ciência, dentre outros, sendo que a política era um tema recorrente, que permeava quase todas as publicações. Com relação à periodicidade, a maioria dos jornais era semanal ou quinzenal. Fugindo a esse padrão, apenas o Correio Paraense, o Jornal do Pará, O Pará e A Pátria Paraense eram diários, no período analisado.

A produção e lançamento de jornais literários no Pará, na época, leva a crer que havia um público consumidor, bem como um grupo crítico e literário responsável por manter a produção. Essa suposição é confirmada quando se procura conhecer a história de Belém. Coelho (2003) conta que, no fim do século XIX, o movimento literário em Belém era bastante rico e dinâmico, tendo o Grande Hotel e o Café do Ponto como os locais onde os literatos e intelectuais se encontravam para discutir arte e literatura.

Coelho (2003) explica também que o período entre 1870 e 1885 consiste no de maior efervescência literária em Belém, o que pode vir a explicar o grande número de

lançamentos de jornais literários dessa época. Esse cenário foi propício para o nascimento de uma agremiação de escritores intitulada Mina Literária que, surgida na última década do século XIX, “(...) preparava conferências, promovia concursos literários, publicava livros, organizava saraus” (COELHO, 2003, p. 25), movimentando, assim, a vida literária da cidade.

Sales et al (2012, p. 07) conta que o surgimento de associações e grupos desse tipo comprova que “a cultura letrada no Pará oitocentista dispunha de uma considerável organização, com um mercado livreiro ativo e várias casas tipográficas, que viera se desenvolvendo desde a década de 1850”. Tudo isso era reflexo de uma época em que a elite de Belém experimentava uma vida rica em cultura.

Neste cenário, a vida literária também dá mostras desse cosmopolitismo cultural das elites borracheiras, tendo em vista a presença da imprensa no cotidiano da cidade e sua significativa interferência na vida cultural, pela veiculação dos romances-folhetins nas páginas dos maiores jornais do estado, como também os anúncios de livreiros estabelecidos na cidade, dados que registram um cenário com a presença de leitura e leitores interessados em prosa de ficção. A presença da coluna folhetim nos jornais diários e a concorrência do mercado livreiro apontam para uma consolidação da sociedade leitora e afinada com os temas literários comuns no país (SALES et al, 2012, p. 04).

A Mina Literária foi apenas uma das associações literárias da época, segundo Coelho (2003 p. 24), o final do século XIX foi marcado por um movimento literário muito rico e dinâmico. Alguns lugares da cidade se tornaram pontos de encontro da intelectualidade paraense da belle-époque, como por exemplo, a Livraria Universal do senhor Tavares Cardoso. Coelho (2003, p. 24) ainda conta que as livrarias não eram os únicos pontos de encontro, visto que literatos boêmios também se reuniam para discutir literatura e ler seus romances, poemas e contos nos saraus do Teatro da Paz, em praças públicas ou na casa de amigos.

Considerações finais

A proposta desta pesquisa é realizar um levantamento dos periódicos paraenses do século XIX, procurando identificar aqueles em que a literatura estava presente, seja em forma de críticas literárias ou através de poemas, contos e folhetins, dentre outros gêneros, a fim de

analisar a relação entre jornalismo e literatura na gênese da imprensa paraense. O intervalo de tempo estudado nesta pesquisa compreende os anos de 1822 a 1985, período registrado pelo catálogo da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Apesar do período analisado compreender o século XIX e grande parte do século XX, a produção de jornais literários foi identificada apenas no século XIX, pois a última publicação literária registrada no período data de 1900.

O levantamento realizado mostra que o nascimento do jornalismo paraense apresentou características semelhantes e trilhou os mesmos passos do jornalismo nacional, sobretudo no que diz respeito à união com a literatura e a política, elementos marcantes no seu surgimento. Com relação à produção paraense, não houve nenhum jornal ou publicação exclusivamente literária, todos se tratavam de jornais que tinham a literatura apenas como um dos assuntos tratados, ou como uma componente. A maioria destes jornais teve uma curta duração e sua periodicidade, em geral, era semanal ou quinzenal.

A pesquisa evidenciou a presença forte de uma cultura literária na Belém da época, pois se havia tanta literatura nas páginas dos periódicos, havia também um público consumidor para este nicho. Tais evidências mostram que as mudanças que a borracha trouxe à região também refletiram no panorama cultural da cidade.

REFERÊNCIAS

- ARNT, Hérís. Narração e informação na gênese do jornalismo. ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume III. 2005.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.
- BRITO, José Domingos. **Literatura e Jornalismo**. São Paulo: Novatec, 2007. Vol 3.
- COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: O grupo dos novos (1946 – 1952)**. São Paulo. 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000305016>>. Acesso em 28 jun. 2014.
- FERNANDES, Phillippe, SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Comunicação & História: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX**. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Comunicacao%20Historia%20a%20imprensa%20de%20Belem%20no%20alvorecer%20do%20seculo%20XX.pdf/view>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Marcelo. **Jornalismo cultural e crítica**: a literatura brasileira no suplemento Mais!. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.

MORAES, Vaniucha e IJUIIM, Jorge Kanehide. **Jornalismo de profundidade**: O jornalismo literário de *Realidade* (1966-1968). 2009. Disponível em <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos12_d.htm>. Acesso em: 20 ago. 2012.

SALES, Germana Maria Araújo. **Folhetins**: uma prática de leitura no século XIX. 2007. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2014..

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**. Belém: CEJUP, 1992.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a *belle-époque* (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **A imprensa em Belém no século XIX**: as décadas de 1861 e 1871. 2012a. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2193-1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. Panorama da imprensa em Belém: os jornais de 1822 a 1860. In: FILHO, Otacílio Amaral; LIMA, Regina Lúcia Alves de; MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos (orgs.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011a, p.225-248.

_____. **A trajetória da imprensa no Pará**. Projeto de pesquisa CNPq, Edital MCT/CNPq N° 14/2012 - Universal - Faixa A. Belém: UFPA, 2012b.

_____. O uso da imagem na mídia impressa em Belém: percurso e configuração. In: PEREIRA, Ariane et al. **Fatos do passado na mídia do presente**: rastros históricos e restos memoráveis. São Paulo: Intercom; e-livros; UNICENTRO, 2011b. p. 279-306. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/detalheEbook.php?id=45138>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. In: SOUSA, Jorge Pedro. (Org.) **Jornalismo**: história, teoria e metodologia. Perspectivas luso-brasileiras. Porto:Edição/reimpressão: Ed.:Edições Univ. Fernando Pessoa, 2008.

SOUZA, Thiago; SILVA, Wanessa da; SALES, Germana. **O trabalho das escavações**: a Mina Literária e a prática da literatura no Pará oitocentista. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/4052>>. Acesso em: 28 jun. 2014..